

-BOM DIA, benzinho – disse eu, com a cabeça ainda enterrada no travesseiro.

– Quem é Ângela? – perguntou minha mulher, no tom usado por Gil Gomes quando ele e os câmeras do programa *Aqui e Agora* estão perseguindo algum pobre coitado pela calçada.

Um milhão de anos de evolução deram aos homens casados um sexto sentido quanto àquele tom. Aprenderam quando devem ser completamente sinceros, respondendo a todas as

perguntas plenamente e sem reservas.

– Não conheço nenhuma Ângela – disse eu.

– Ora, sei que não conhece – disse Kathleen, apertando o botão do alarme. – Mas sonhei que você tinha me abandonado e às crianças por uma tal

Ela sonhou que eu estava tendo um caso

Mas o que é que eu fiz
para merecer isso?

PATRICK O'NEILL



de Ângela. Há horas que estou acordada, ficando cada vez mais furiosa.

– Garota boba – murmurei, sonolento, aconchegando-me ainda mais nas cobertas.

Kathleen afastou a roupa de cama com muito mais força do que as circunstâncias exigiam e se levantou.

– Foi só um sonho – lembrei-lhe, esperando conseguir mais dois minutos de inconsciência. – Estou aqui com você e nossos filhos. Não vou embora. Nunca, nunca, nunca.

A porta do banheiro bateu e eu adormeci de novo. De repente, uma toalha molhada aterrissou no meu rosto.

– Desculpe, amor, eu estava querendo acertar na cesta de roupa suja – disse Kathleen. – Em todo caso, você e a Ângela estavam morando num desses condomínios de luxo...

– Que loucura! A pensão alimentar acabaria comigo. Eu não conseguiria nem morar debaixo de uma ponte se deixasse vocês. Coisa que não pretendo fazer.

– Ângela é cirurgiã – continuou minha mulher, num tom mordaz –, com uma reputação internacional. É podre de rica.

– Escute, sei que os sonhos por vezes podem parecer bem realistas – disse eu, tentando acalmá-la. – Mas você é a mulher dos meus sonhos.

– Quer saber o que foi que doeu mesmo? – perguntou ela, sem me dar a menor atenção. – As crianças foram passar um fim de semana lá e Ângela

fez panquecas em forma de ursinhos. Com olhinhos de passas. Eles passaram dias falando nisso. Também me contaram que ela ficou horas fazendo massagem nos seus ombros – continuou Kathleen, num tom sombrio. – Ela às vezes se sentava aos seus pés naquele tapete branco impecável e ficava olhando para você, rindo de toda bobagem que dizia. Raios! Seu relógio caiu na pia. Desculpe, amor.

– Kathleen, eu nunca poderia amar uma cirurgiã; é sabido que elas são egocêntricas e egoístas.

– Ângela trabalha para os pobres – disse Kathleen. – O presidente lhe deu uma placa. Lá estava ela na TV, dizendo: ‘Outros merecem isso muito mais do que eu.’ Quase vomitei. Ah, olhe aqui aquele seu tênis que você estava procurando. Pegue aí... Opa! Você está bem?

O machucado provavelmente não apareceria a não ser que eu fosse nadar, ou algo assim.

– Acho que você está sendo um pouco severa com a Ângela – disse eu. – Ela parece ser uma pessoa legal.

– Ela é uma peste de uma destruidora de lares, e se você algum dia sequer olhar para ela de novo, vai precisar de mais do que um cirurgião de fama mundial para juntar seus pedaços!

Mais tarde, naquele dia, mandei umas flores para Kathleen. Foi só um começo, claro. Quando alguém como Ângela entra em sua vida, é preciso tempo para acertar as coisas.

A HISTÓRIA CELEBRA poucas pessoas que esperaram pela inspiração.

Ned Arthur, em *National Enquirer*